

AUTORA

BEST-SELLER DA VEJA

JULIANA DANTAS



no silêncio
do mar

 HARLEQUIN

Copyright © 2019 por Juliana Dantas

Todos os direitos desta publicação são reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Diretora editorial: Raquel Cozer

Gerente editorial: Renata Sturm

Editora: Diana Szylit

Edição de texto: Isadora Attab

Revisão: Luisa Tieppo e Renata Lopes Del Nero

Capa, projeto gráfico e diagramação: Marilia Bruno

Conversão para ePub: SCALT Soluções Editoriais

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seu autor, não refletindo necessariamente a posição da HarperCollins Brasil, da HarperCollins Publishers ou de sua equipe editorial.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Copyrighted image

SUMÁRIO

Prólogo

[Parte 1](#)

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Parte 2

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Epílogo

Agradecimentos

PRÓLOGO

Não consigo dizer com exatidão quando foi que me apaixonei.

Ou quando ela deixou de ser apenas uma paixão para se tornar a razão de tudo.

Quando ela caiu, eu a segurei.

Quando chorou, enxuguei suas lágrimas.

Quando ela cometeu o pior crime que alguém pode cometer, eu a encobri.

A protegi.

Eu me tornei seu cúmplice.

Copyrighted image

. 1

Superfície

A primeira coisa que sinto quando noto a mulher chorando em frente ao mar é temor.

Sua presença me faz interromper meus passos, intrigada. Com os joelhos na areia e os olhos perdidos, ela contempla a imensidão azul como se esta pudesse levar seu sofrimento para longe.

Na verdade, não entendo a atração que o mar exerce nas pessoas.

Para mim, é apenas uma enorme quantidade de água salgada e perigosa que envolve aqueles que creem em seu poder mágico, em um abraço traiçoeiro, levando-os para suas profundezas.

Eu prefiro mil vezes a tranquilidade de uma piscina, como a que tínhamos no jardim do meu pai. Grande, linda e segura. Aprendi a nadar quando era tão pequena que sequer me recordo das aulas. Por isso, tenho a impressão de que sabia lidar com a água desde sempre.

Como qualquer criança, adorava passar horas brincando dentro dela – era meu lugar preferido, na verdade. E, naquela época, não entendia por que minha tia Norma, a irmã de meu pai que veio passar férias com a gente quando eu tinha cinco anos, ficou tão espantada quando descobriu que eu ainda não conhecia o oceano.

— Como é que vocês vivem em uma cidade com as praias mais bonitas do país e não levam a filha de vocês para ver o mar? — perguntou, inconformada, para minha mãe.

Não me lembro qual foi a resposta de mamãe naquele momento, mas não me importei quando tia Norma me contou que iríamos à praia. Pareceu uma grande aventura para uma menina: conhecer um lugar novo e diferente.

Lembro de como fiquei abismada com aquela imensidão azul, as

ondas gigantes que pareciam engolir as pessoas... Eu me segurei à cintura de tia Norma, puxando com os dedos aflitos seu maiô de oncinha enquanto ela ria, me encorajando a entrar na água.

— Você não ama isso, Ana? Esse silêncio? — ela perguntou, fechando os olhos.

Eu realmente não entendi nada, já que aquelas ondas gigantes que quebravam na areia eram bem barulhentas. Mas confesso que, apesar do medo, fiquei um tanto curiosa, e me aproximei cautelosa das ondas que lamberam meus pés, afundando-os na areia. Aquilo era tão mágico!

Fascinada, soltei as mãos de tia Norma e me arrisquei um pouco mais, com a água cobrindo minhas pernas curtas e depois minha cintura. Eu ria enquanto me preparava para nadar naquela espécie de piscina mágica em movimento, meus braços ansiosos querendo se mover por entre as ondas, até que, de súbito, fui arremessada para trás.

Assustada, abri a boca para gritar, mas a água a invadiu e escorregou pela minha garganta, fazendo-me engolir um bocado dela. Sal e perigo. Meu coração disparou de medo. Tentei mexer meus membros para voltar à superfície, mas o mar não deixava. A água mágica queria me levar embora.

Não me recordo direito de como fui tirada de lá. Tenho uma breve lembrança de ser alcançada por um par de braços que me arrastaram entre as ondas enquanto a água ainda insistia em entrar pela minha boca e pelo meu nariz. Já na areia, as mesmas mãos fortes massagearam meu peito enquanto eu vomitava toda a água e o horror daquele momento.

Daquele dia ficaram apenas pequenos fragmentos de memórias, as quais eu fazia muito esforço para esquecer, assim como todo o medo que senti de ser tragada pela água e nunca mais voltar. Desde então, passei a odiar o mar e suas ondas traiçoeiras.

Retornei muito feliz para minha piscina e fiz dela o meu lugar predileto pelos próximos anos. Foi ali que eu me escondi com meus amigos imaginários quando minha mãe foi embora, ainda naquele ano, e nunca mais voltou, deixando minhas lágrimas de saudade se

misturarem à água e ao cloro.

Também foi com a sua ajuda que eu me tornei popular entre os amigos da adolescência. O lugar onde aconteciam as melhores festas e eu podia fingir que era querida por ser quem eu era, e não por morar em uma mansão e ter um pai rico.

E foi na beira da piscina que conheci Gael. O cara que amava o mar. Que era tão profundo, misterioso e, talvez, perigoso quanto o oceano. E o mais curioso é que, agora, tanto o mar quanto Gael são meu refúgio, ainda que o meu medo persista. De alguma maneira, ainda resisto. Ao mar e a Gael.

* * *

Saindo de meu devaneio, volto a atenção para a mulher chorando. A observo de uma distância segura, com a varanda de casa à minha frente, os braços cruzados como um escudo. Eu sou um escudo.

Essa praia na qual nossa casa foi construída é muito isolada, e apesar de existirem outras residências espalhadas nas proximidades, não parece haver ninguém hospedado em nenhuma delas. Afinal, é inverno, e não há nada de sedutor em enfrentar um frio tão rigoroso como o do Sul de frente para o mar gelado.

Mesmo assim, *ela* está aqui. Maculando nosso refúgio.

Por um momento, aquele temor também me faz sentir raiva. Uma vontade incontável de me aproximar dela e exigir que vá embora. Esse pensamento descabido permeia minha mente por alguns instantes.

“Não seria a primeira vez que isso acontece”, sussurra uma voz dentro de mim. Afasto-a com a mesma força que gostaria de usar para afastar a intrusa.

Estará ela sozinha? É hóspede de alguma casa vizinha? Ou apenas alguém passando?

Um vento mais frio chicoteia minha pele e estremeço, o suéter azul-claro não é o bastante para conter a onda gelada que varre meu corpo.

Demora um pouco para eu entender que o frio vem de dentro de

mim. O frio do medo. Da apreensão. Da certeza de que a minha tranquilidade está próxima de ser perdida.

— Ana!

A voz de Gael me alcança e eu me viro, deixando a estranha e suas lágrimas sozinhas na areia. Entro em casa quando ele me chama novamente. Dessa vez, há um quê de aflição em sua entonação.

— Estou aqui — sussurro, mas sei que ele não ouviu, pois surge no mezanino com um olhar preocupado. Seus cabelos são uma linda bagunça, os fios escuros se espreguiçando para todos os lados depois de uma noite de sono. O peito nu sobe e desce num esforço para respirar, provando que deve ter passado algum tempo me caçando pela casa.

— Onde diabos você estava?

Presto atenção enquanto ele desce de vez as escadas. Sua voz agora adquire um tom entre frustrado e aborrecido, e seus olhos descansam nos meus, inquisidores. É incrível como ele faz com que eu me sinta uma menina de dezessete anos quando me encara assim.

A idade que eu tinha quando nos conhecemos. Me faz lembrar do quanto eu detestava e temia o que ele me fazia sentir com apenas um olhar. Acho que ainda há dentro de mim um resquício daquele temor. E daquela menina.

— Fui andar na praia. — Passo por ele e entro na cozinha enorme, branca e moderna. Tudo nesta casa é enorme e moderno. A cara de Gael: bonito e sofisticado. Impecável.

Escuto seus pés descalços me seguindo enquanto ligo a cafeteira e fixo a atenção além da cozinha, meus olhos viajando através da janela. Daqui, ainda consigo ver a mulher chorando.

— Quem é ela? — questiono, como se Gael tivesse todas as respostas.

Ele se coloca atrás de mim para ver de quem estou falando. É pelo menos uma cabeça mais alto do que eu, de maneira que consegue enxergá-la com facilidade.

— Eles chegaram ontem, no crepúsculo — responde, sem emoção.

Me viro para perscrutá-lo. Agora está intrigado, porque provavelmente percebeu que ela está chorando.

— Eles? — A desconfiança agarra meu coração de novo, fazendo as batidas falharem.

Dessa vez, Gael me encara. Assim, de perto, seus olhos são tão escuros que parecem um pântano sombrio. Mergulho neles por alguns instantes. Sinto-me sufocar como naquele dia no mar.

— Um casal — responde, me estudando. Sei que está tentando ler minha mente. Ele gosta muito de fazer isso. Às vezes, acho que consegue.

Volto minha atenção para a mulher na areia.

— Chegaram com o nevoeiro... — murmuro.

Ontem o frio estava mais forte do que de costume. As ondas altas impediram que Gael entrasse no mar, como faz todas as tardes. É sua hora preferida: quando o sol baixa no horizonte e a brisa fresca se transforma em um vento impressionante, deixando o mar revolto. Parece muito destemido quando tira a roupa e entra na água, como um guerreiro indo à luta. E ele sempre vence.

Porém, ontem, até a coragem de Gael fraquejou diante do nevoeiro que chegou sem aviso, cobrindo tudo. Eu devia ter imaginado que algo ruim estava para acontecer.

— Por que eles estão aqui? — Sei que Gael percebe a desconfiança na minha pergunta porque sinto suas mãos tocando meus braços. Fecho os olhos, muito ciente do calor daquele corpo recém-acordado perto do meu.

Luto contra a vontade de me encostar nele e deixar que sussurre em meu ouvido que não há nada a temer. Que estamos protegidos aqui e que ele vai me proteger. E por um momento, é tudo o que quero. Tudo o que preciso. Mas ainda há um pedaço de mim alerta. Que *precisa* se manter alerta.

— Ana, você não pode ter medo para sempre. — Sua voz sai baixa e rouca dentro do meu ouvido. Por um instante, acho que está falando diretamente com meu medo.

Me irrita e saio do espaço que seus braços formaram ao meu redor. Percebo suas mãos caindo sem utilidade do lado de seu corpo. Frustradas.

As minhas estão trêmulas quando apanham a cafeteira e despejo o

líquido escuro na caneca.

— Não gosto disso. — Deixo transparecer o medo em minha voz.

— Temos que nos acostumar. — Ele dá de ombros e olha novamente para a mulher.

— Por que será que ela está chorando?

Me dou conta de que Gael não está surpreso ou curioso com o choro da estranha, o que não é de seu feitio, muito pelo contrário: ele sempre foi um cara atencioso, gentil e preocupado com o sofrimento alheio.

— Vou tomar um banho. — Ele ignora minha pergunta, descolando os olhos da visitante. — Não saia de casa sem uma blusa. Vai adoecer.

— Estou de blusa — refuto, levando a caneca à boca. O café queima minha língua.

— Não é o suficiente.

Reviro meus olhos.

— Como sabe? — Dessa vez, encaro Gael em desafio, e por um momento é como se voltássemos no tempo. Quando eu era apenas aquela menina tola. E ele, o cara mais lindo e inatingível que eu já tinha visto.

— Eu sempre sei. — Sua resposta arrogante me faz rir para a xícara. É uma reação típica dele. Me faz ter a ilusão, mais uma vez, de que ainda somos as mesmas pessoas de antigamente.

Mas isso não é possível.

O riso morre em meus lábios e, quando o encaro, ele está me observando daquele jeito que antes eu não sabia o que era. Que me atraía e me irritava ao mesmo tempo, e fazia algo estranho pesar em meu estômago.

Hoje eu sei.

— Está bem, papai! — resmungo, me levantando e colocando a caneca na pia. Há louça suja do jantar para lavar.

Ele rosna com raiva e sorrio secretamente. Sei que Gael odeia quando eu faço essa comparação. E eu, de fato, tinha parado com isso, pelo simples motivo que é doloroso demais falar do meu pai agora.

Bem, talvez a dor esteja cicatrizando, porque consegui fazer aquela piada.

— Se eu fosse seu pai, talvez te desse umas palmadas para deixar de ser teimosa! — repete o que disse para mim tantas vezes, quando ele não perdia tempo em demonstrar o quanto me achava imatura. Queria parecer muito mais velho do que eu, sendo que nossa diferença de idade era de apenas seis anos.

— Mas você não é. E, na verdade, isso me parece meio pervertido. — A brincadeira sai da minha boca antes que consiga me dar conta das implicações, e as palavras flutuam entre nós, cheias de significado.

Ainda é estranho pensar que podemos fazer esse tipo de brincadeira. E acho que a mesma coisa passa pela cabeça de Gael.

Espero uma resposta que não vem. Um misto de alívio e frustração me acoberta quando escuto seus passos indo para longe. Mesmo contra a minha vontade, começo a lavar a louça da pia.

Mais um dia normal.

Meu olhar viaja até a praia de novo, procurando a mulher, mas ela não está mais lá. E eu finjo que nunca estive.

Eu sempre fui boa nisso: fingir.

Copyrighted image

Eu tinha dezessete anos quando ele apareceu na minha vida.

Eu sabia que o sol queimava minha pele e que ficaria vermelha como um camarão, mas não queria ser a garota chata que não aguenta uma tarde de bronzamento debaixo de trinta e sete graus com as amigas. O verão naquele ano estava especialmente quente, daqueles que os programas de TV aconselham a não se expor ao sol por muito tempo.

Como a maioria dos jovens de dezessete anos, eu não ligava nem

um pouco para aquele conselho. Ou para qualquer outro.

— Sua casa é incrível, Ana! — Karine, minha mais nova melhor amiga, saiu pelas portas francesas que davam para a piscina carregando uma taça de Coca-Cola como se fosse um cosmopolitan e gingando os quadris bronzeados que o biquíni florido mal comportava.

Sorri, me ajeitando na espreguiçadeira e colocando os óculos de sol.

— Eu sei.

— Você é muito sortuda de ter uma casa como essa. Deve dar festas incríveis por aqui! — Karine sentou ao meu lado, passando mais bronzeador.

— Seria incrível se o pai da Ana fosse mais legal — Laila comentou, saindo da piscina. Ela era tão curvilínea, bronzeada e linda quanto Karine. Porém, enquanto Karine tinha cabelos pretos e lisos que chegavam até o meio das costas, Laila ostentava madeixas loiras, não naturais como as minhas, mas com grossas luzes estrategicamente colocadas. Eu a conhecia desde que tínhamos catorze anos.

— Pais são um saco. — Karine se solidarizou.

— Na verdade, eu dava festas aqui sempre que meu pai viajava.

— Mas, da última vez, ele chegou e nos pegou em flagrante! — Laila completou, rindo.

— E sua mãe?

Desviei o olhar, incomodada. Odiava quando perguntavam sobre a minha mãe.

— Ela não mora com a gente.

— Ah, mas...

— Enfim — interrompi —, a festa estava ótima, meu pai apareceu do nada, mandou todo mundo embora e me colocou em um castigo eterno.

— Como assim, “castigo eterno”?

— Festas, nunca mais — Laila resmungou. — Eu falei pra Ana que é só esperar o pai dela sair de casa de novo. Ele vai viajar na semana que vem, não vai?

— Se ele me pegar outra vez, estou lascada, Laila! Ele disse que me manda pra Suíça.

— Meu Deus, Suíça? Achei que isso só existisse nos livros! — Karine riu.

— Eu também, mas com meu pai, nunca se sabe! Ele é...

— Um chato — completou Laila.

Eu não poderia deixar de concordar. Porém, o que minhas amigas não sabiam é que meu pai nem sempre foi aquele cara severo e rígido. Ele já tinha sido alegre e sorridente um dia. Carinhoso comigo. Mas minha mãe levou consigo todo o lado bom que existia nele quando foi embora.

Karine comentou:

— Eu acho que a Laila tem razão, hein? Ele é um chato! Ele viaja bastante? O que ele faz?

— Você não sabe? O pai da Ana é dono do Mondiano — Laila citou o restaurante mais famoso do meu pai.

— Uau! Um cara me levou lá uma vez, é superchique! Seu pai é chef?

— Não, mas minha mãe era — sussurrei e logo me arrependi. Eu não falava sobre minha mãe. Não queria que ninguém ficasse curioso. Muito menos Karine, que eu acabara de conhecer em uma balada algumas semanas antes. — Vou nadar, estou pegando fogo!

Me levantando, andei até a beira da piscina e pulei. Deixei que o peso do meu corpo me levasse para baixo por alguns instantes, forçando meus pulmões a quase explodirem. Gostava daquela dor. Me fazia esquecer pensamentos indesejáveis. Sentimentos indesejáveis.

Quando não aguentava mais, movi meus braços de forma graciosa pela água, nadando até o outro lado, e emergi inspirando uma longa lufada de ar.

— Achei que teria que pular aí dentro para te salvar.

A voz masculina me fez abrir os olhos, aturdida.

* * *

Nunca irei esquecer a primeira vez que vi Gael Caballero. O sol da tarde criava um raio de luz sobre sua cabeça de cabelos escuros. Por um momento, achei que tinha me afogado e um daqueles anjos negros da Bíblia de que minha vó tanto falava tinha vindo me buscar. Mas, no instante seguinte, a figura deu um passo à frente e percebi que estava diante de apenas um homem comum.

Bem, “comum” não era uma palavra com a qual eu pudesse descrevê-lo. Ele era o que a Laila chamaria de “galeto”: um cara muito gato na gíria de Floripa. E, quando estendeu a mão para mim, não pensei muito antes de segurá-la e deixar que ele me puxasse da piscina.

Assim que saí da água, deixei meus olhos curiosos percorrerem sua figura imponente, desde os sapatos lustrosos, passando pelo terno preto de caimento impecável, até seu rosto bronzeado. Várias coisas passaram pela minha cabeça naquele momento: caramba, ele era alto! E, nossa, ele era realmente bonito, com olhos tão escuros como nunca vi na vida. O cabelo também escuro e meio bagunçado, e aquela barba por fazer que causava um contraste curioso com o terno elegante. Era como se... não combinasse. O cara de olhos perigosos, cabelos rebeldes e barba sexy com o terno sóbrio. Num dia de sol.

— Você está queimada. — Foram suas palavras para mim, quebrando o silêncio que durou apenas alguns segundos enquanto eu o media.

Enrubesci, dando um passo para trás e tirando minha mão da sua. Só naquele momento percebi que ele ainda a segurava.

— Quê? — indaguei, confusa. De onde tinha saído aquele cara?

— Sua pele. Está queimada. — Apontou para meus ombros. — Não devia estar nesse sol. É perigoso. Ainda mais para peles brancas como a sua. Não sabia?

— Ah, tá... E quem é você? E por que está me dando uma bronca? Tipo...

— Ana. — Outra voz masculina se interpôs antes que o estranho pudesse me responder. Eu virei e vi meu pai vindo em nossa direção.

Meu pai, Fernando Mondiano, era um cara bonito para seus

sessenta anos, com cabelos grisalhos e um porte elegante. Ele se casou quando já era um homem de quase quarenta anos, enquanto minha mãe tinha apenas vinte e dois.

Às vezes eu me perguntava se não era por isso que ela não estava mais conosco.

— Estou vendo que já conhece o Gael.

— Na verdade, ainda não sei quem ele é. — Minha voz saiu petulante. Olhei de soslaio pelo quintal e percebi que Karine e Laila espiavam a conversa, interessadas. Aquilo me fez erguer mais ainda o queixo, orgulhosa, ignorando o fato de que estava usando um minúsculo biquíni branco e pingando água. E, sim, que meus ombros estavam começando a arder.

— Este é Gael Caballero. Meu novo assistente. Gael, esta é Ana Sofia, minha filha.

Gael estendeu novamente a mão para mim. Dessa vez, não a segurei. Não sei dizer por quê.

— Caballero? Que sobrenome diferente.

— É argentino. — Ele não pareceu incomodado com o fato de eu não ter pegado sua mão.

— Mas ele mora no Brasil desde pequeno — meu pai explicou. — E vai ficar hospedado aqui em casa até conseguir um apartamento.

— Sei... — Não disfarcei minha preocupação.

Desde que minha mãe foi embora, só morávamos eu e papai naquela casa enorme. Nós tínhamos muitos parentes e amigos, mas eles nunca se hospedavam com a gente. Muito menos os vários empregados de meu pai, que iam embora assim que o trabalho terminava. Por que justamente aquele cara tinha que ficar?

— Gael, fique à vontade, a casa é sua! — meu pai continuou, alheio à minha perturbação. — Vou deixar você se instalar. Encontre-me no Mondiano depois.

Ele se encaminhou para dentro de casa e eu fui atrás.

— Eu ainda não entendi... Por que ele vai ficar aqui?

— Eu já falei. Gael não é da cidade. Acabou de chegar de São Paulo.

— Você nunca hospedou nenhum empregado aqui. Por que esse

cara?

— O pai dele é um amigo antigo.

— Ainda não entendi.

— Tenho alguns bons pressentimentos sobre esse rapaz. Ele tem futuro.

— Como assim?

— São negócios, Ana. Eu não sou mais jovem. Preciso de alguém de confiança que assuma por mim um dia.

Arregalei os olhos em choque.

— Sério? E essa pessoa é aquele cara lá fora?

— Ele tem potencial para ser.

— Ele não é tão mais velho do que eu!

— Tem vinte e três anos. Acabou de se formar, com louvor. É o cara certo, posso sentir. Tem muita ambição. E muita vontade de agradar. Gosto disso.

— Me parece bem puxa-saco, isso sim!

— Você nem o conhece, Ana.

— Ele está vestido com um terno todo preto em um dia de trinta graus!

— Coisa de paulista.

— Você disse que ele era argentino...

— Nasceu lá, mas mora em São Paulo há muitos anos.

— E por que ele tem que ficar hospedado aqui em casa?

— Porque sim. Espero que seja educada com ele.

— Se ele for comigo!

— Ele vai ser. Sabe que é minha filha e que deve ser tratada com respeito.

— Está confiando demais num cara que você nem conhece direito...

— Ana, deixe de ser mimada! Vai fazer bem ter outra pessoa aqui. Especialmente para cuidar que o que aconteceu da última vez que eu viajei não aconteça de novo.

— Ah... Vai dizer que agora esse tal de Gael é minha babá?

— Se você quiser entender assim. Ele é só uma pessoa muito centrada, vai ser um bom exemplo pra você. Pense nele como um

irmão que nunca teve.

E com essas palavras meu pai saiu de casa. Pude ver pela janela da sala quando entrou no carro e deu partida, me lançando um último aceno. Como se aquelas notícias não tivessem acabado de sair da sua boca e atingido minha vida como uma granada.

Quando dei por mim novamente, Gael estava se aproximando.

— Você não parece muito feliz — ele disse.

— Não tenho motivos para estar. — Sabia que estava sendo rude, mas não conseguia evitar.

— Porque eu vou ficar hospedado aqui? Essa casa é enorme, qual o problema?

— Que sorte a sua, não? Ficar hospedado na mansão do chefe!

— Não é tanta sorte assim se tenho que ficar na sua companhia.

— Ah! — Abri a boca, chocada com a afronta. — Seu cretino! Vou contar para o meu pai o que você disse!

Ele riu, nem um pouco preocupado.

— Pode contar.

— Hum... Meu pai parece ter muita confiança em você.

— Ele deve ter mesmo.

Observei sua expressão arrogante. A postura despreocupada, as mãos nos bolsos da calça.

— Não concordo com meu pai, se quer saber.

— Por que acha que uma adolescente tem mais experiência para julgar o caráter de alguém do que seu pai?

— Não sou adolescente!

— Achei que tinha dezessete, não tem?

— Em breve faço dezoito. Sou quase adulta. E por isso é melhor que você não tente bancar minha babá.

— Babá?

— Eu sei bem por que meu pai te colocou aqui. Para me vigiar.

— Então você precisa ser vigiada? O que anda aprontando?

— Nada! Mas só... fique longe de mim!

— É impressão minha ou você não gosta de mim?

— Não é impressão!

— Eu sabia que você devia ser uma garotinha mimada, mas não

imaginei que fosse tanto.

— Não sou garotinha e muito menos mimada!

— Calma, eu já entendi que você não gosta de mim, mas não tem motivos para me odiar. Essa casa é tão grande que provavelmente nem vamos nos esbarrar. E não se preocupe que não vou roubar suas bonecas, estragar seus esmaltes ou pedir seus biquínis emprestados. Estou aqui para trabalhar e demonstrar meu valor, e a última coisa que quero é ser babá de uma pirralha como você.

— Vai se foder! — esbravejei e dei meia-volta, furiosa, para sair de perto dele.

Nesse processo, e com o pé molhado, escorreguei, quase caindo. Gael imediatamente estendeu a mão, me segurando e impedindo que eu fosse ao chão.

— Olha a boca suja! — Ele riu quando puxei o braço, irritada. — E vá se enxugar, está molhando toda a casa!

Espumando de raiva, andei em velocidade na direção da piscina, onde Karine e Laila continuavam torrando no sol. Fechei a porta de vidro com força, mas ainda podia ouvir a odiosa risada de Gael ecoando em meu ouvido.

Num reflexo, toquei meu braço, onde seus dedos estiveram.

— Uau, Ana, que cara gato! — disse Karine ao me ver entrando.

— Ele é um idiota! — rosnei, me enxugando com movimentos bruscos.

— Ele é lindo, não percebeu? — Laila me cutucou. — E vai ficar aqui na sua casa?

— É um empregado do meu pai. — Ignorei a pergunta. É claro que eu notei. Mas preferia não ter notado. — Um puxa-saco, pelo que percebi. E já saquei que meu pai o colocou aqui para me vigiar! Ou seja, nada mais de festas para nós.

— Será que ele também é careta assim? — Laila fez um bico. — Nem é tão mais velho que a gente!

— Mas é o capacho do meu pai! Acredite, eu já saquei tudo. Melhor que fique bem longe de mim! Tomara que seja péssimo e meu pai o demita logo.

— Nossa, mas você não gostou mesmo dele, hein? — Karine riu.

Eu não respondi, era bastante óbvio. Eu mal conhecia Gael e já o detestava, só queria que ele ficasse longe de mim.
Mas parecia que o universo tinha outros planos...

Na manhã seguinte, caminho pela praia com o vento furioso castigando meus cabelos. Ainda é muito cedo e o nevoeiro cobre tudo com um manto espesso. Aperto o passo e continuo em frente, os pés afundando na areia e os braços cruzados para manter o suéter no lugar. Tenho um destino certo.

A residência dos novos vizinhos é uma construção moderna. Incrustada em uma pedra, tem grandes paredes de vidro no andar superior e uma bonita varanda. É quase tão impressionante quanto a de Gael, mas menos imponente. Será que ele havia visto essa casa quando construiu nosso refúgio? Era típico de Gael querer uma casa maior e mais vistosa.

Paro a alguns metros, respirando com dificuldade. Meu coração está disparado e sei que não é por causa do cansaço da caminhada.

Fixo o olhar na casa. Embora tivesse a clara intenção de vir até aqui, agora não sei bem o que fazer. Deveria voltar e esquecer da presença dos intrusos, mas não posso negar que estou curiosa.

De repente, escuto vozes alteradas vindas do segundo andar. Pelas janelas de vidro que vão do chão ao teto, avisto um homem. Ele está de costas, mas vejo que tem os ombros tensos e as mãos gesticulam freneticamente, percebo que está discutindo. Não consigo distinguir o que ele diz, pois a força das ondas quebrando nas pedras rivaliza com seu tom furioso.

Dou mais um passo na direção da casa, tomada pela curiosidade de saber o que discutem. Uma voz feminina diz algo, mas não consigo vê-la. O homem se vira na direção da janela e eu paro, com medo que me note. É quando vislumbro sua imagem mais

nitidamente. Ele usa óculos por cima dos olhos tempestuosos, se aproxima do vidro e bate com o punho. Dou um passo para trás de sobressalto. Sei que deveria me afastar, porém continuo ali. Até que as vozes cessam e o homem se afasta do meu campo de visão.

Quando a porta da frente se abre, levo a mão ao peito, um tanto aturdida. E antes que consiga me esconder de quem vem ali, surge uma mulher com um olhar atormentado. Reconheço-a de quando a vi chorando em frente ao mar.

Por um momento, ela não me vê. Para na varanda, as mãos segurando com força a cerca, inspirando longas lufada de ar. Percebo que está tentando não chorar.

“Não quero vê-la chorar de novo”, é um pensamento estranho que toma minha mente quando ela levanta o olhar e nota a minha presença. Sua expressão é de espanto e, depois, de vergonha, quando se dá conta de que eu a observava em um momento íntimo de aflição.

— Me desculpe. — Dou um passo para trás. Porém, ela se aproxima, enxugando uma lágrima fortuita no rosto. Tem os cabelos castanhos curtos e mal cortados, como se não se importasse com a aparência.

— Eu que peço desculpas — diz ela estendendo a mão. — Você deve ser a vizinha, não?

Observo a mão estendida com certo receio. E mesmo querendo dar meia-volta e sair correndo — como uma criança que é pega fazendo arte —, seguro a mão da desconhecida e até finjo um sorriso brilhante. Gael uma vez disse que meu sorriso podia ser mais quente que o sol.

— Eu sou Lívia — ela se apresenta quando solto a mão.

— O que fazem aqui? — Ignoro que, pela educação, deveria me apresentar também.

— Viemos passar um tempo, eu e meu marido. — Novamente, seu olhar está cheio de tormenta. Me pergunto se são um casal em crise. Talvez seja por isso que estão nesta praia afastada em pleno inverno. E que ela chorava de frente para o mar naquela noite.

— O tempo está horrível — comento, como se minhas palavras pudessem fazê-los ir embora.

— Eu sei. Inverno não é o melhor clima para uma temporada na praia, não é?

— Temporada?

Ela dá de ombros.

— Ainda não sei quanto tempo ficaremos. Mas acho que será breve. E você?

— Eu moro aqui — digo, imediatamente querendo morder a própria língua.

O olhar da mulher é de espanto.

— Sua casa é aquela grande no começo da praia? É realmente magnífica. Rui ficou apaixonado.

— Rui?

— Meu marido.

“O homem furioso na janela de vidro”, penso.

— Você está sozinha aqui? — A mulher agora parece ter superado o dissabor da briga com o marido e fixa em mim um olhar curioso.

— É, eu...

— Ana. — A voz de Gael me faz virar. Ele se aproxima e volta sua atenção para a mulher ao meu lado. Parece apreensivo.

— Quem é? — Lívia pergunta, curiosa.

— Meu marido.

— Estava preocupado. Já falei para não sair sem me avisar! — Gael me repreende.

— Saí apenas para caminhar. Já estou voltando... — Me viro para a Lívia. — Eu preciso ir.

Lívia ignora minha despedida, com o olhar curioso em Gael.

— Olá, eu sou Lívia.

Gael pode ser acusado de tudo, menos de ser mal-educado. Estende a mão para a mulher.

— Gael. — Ele se vira para mim. — Vamos? Está frio e você está sem agasalho.

Luto para não revirar os olhos quando ele segura minha mão e acena para Lívia, me puxando.

— Até mais.

Por um momento, enquanto caminhamos de volta, nenhum dos

dois fala nada, até que o silêncio se torna ruidoso demais para ser ignorado.

— Eles vão passar um tempo aqui.

Gael me encara com um olhar inescrutável.

— Acho que é óbvio.

— Eles estavam discutindo.

— Bisbilhotando, Ana? — Agora existe um tom divertido em sua voz. Tento tirar minha mão da sua, incomodada. Ele não deixa.

— Estava apenas caminhando e parei na frente da casa. — Nós dois sabemos que é mentira, mas ele não diz nada.

— Fiquei preocupado quando não a vi.

— Você sempre fica. — Quero acrescentar que é inútil, mas guardo para mim. Sua mão aperta a minha, antes de soltar. Percebo que já estamos fora da vista de Livia. — Segurou minha mão apenas para a mulher ver?

Ele não responde.

A resposta é clara.

Copyrighted image

Jurerê, no verão, fervilhava de vida e badalação. Era onde aconteciam as melhores festas de Florianópolis. E, naquele dia, eu ostentava com orgulho um sorriso brilhante de quem era anfitriã de uma dessas festas inesquecíveis.

O crepúsculo caía, tingindo o céu de vários tons de rosa, e uma brisa suave trazia a leveza do verão para o jardim da minha casa, enfeitado com tochas douradas, incidindo uma áurea sensual no clima já efervescente. Os convidados, cuja maioria eu nem conhecia, circulavam com seus drinques da moda enquanto o DJ, um dos mais famosos da região, aumentava o ânimo com batidas frenéticas.

— Ana, desta vez você arrasou! — Laila abraçou minha cintura e

pousou um beijo de batom vermelho na minha bochecha. — Achei que nunca ia conseguir!

— Eu sempre consigo — respondi com presunção. — Eu disse que ia dar a melhor festa do verão. E olha só!

— Eu sei! Mas seu pai estava pegando muito no seu pé! E esse tal Gael se revelou um chato de marca maior!

Fechei minha expressão quando ela citou Gael. Já fazia um mês que ele tinha se instalado na minha casa com sua arrogância. Eu o evitava a todo custo, mas era difícil que não nos trombássemos de vez em quando.

Ele acordava cedo todos os dias e ia para a praia. Chegava quando eu e papai estávamos tomando café, refestelados na varanda, o único momento que eu tinha com ele antes que saísse para vistoriar seus negócios. Gael passava por nós, ainda pingando água, meu pai fazia alguma piada besta e ainda dizia: “Por que não vai com ele, Ana? Nadar no mar é revigorante”. Eu apenas fazia uma careta e ignorava. Meu pai sabia que eu odiava o mar. Mas Gael parecia amar.

Ele nunca tomava café conosco, mesmo com a insistência de papai – o que eu achava ótimo. Eles ficavam fora a maior parte do dia, até mesmo nos fins de semana. Eu já estava acostumada com aqueles horários puxados do meu pai, sempre foi assim. Ou se tornou assim depois que mamãe se foi. Mas agora isso me irritava bastante justamente porque eu sabia que ele tinha Gael ao seu lado. O tempo todo.

E Gael parecia ser a sombra do meu pai, mesmo quando estavam em casa. Se trancavam no escritório até altas horas em reuniões de negócios, me deixando para fora. Na primeira vez que fizeram isso, eu bati e entrei depois de algumas horas, curiosa sobre o que estavam fazendo, mas meu pai me colocou para fora, irritado. Não passou despercebido por mim um riso de troça de Gael. Cretino.

Quando não estavam trabalhando, sentavam na varanda e bebiam uísque. Certa vez, fiquei à espreita e entreouvi uma conversa em que meu pai contava a Gael sobre como começara aquele negócio, há quase quarenta anos. Ele nunca tinha contado para mim como pegara a herança do seu avô e abrira um restaurante na praia, o

primeiro Mondiano. De como seu próprio pai, que morreu antes de eu nascer, e que trabalhava no ramo imobiliário, fora contra e ficara anos sem falar com ele, irritado que o filho quisesse viver preso a uma cozinha.

— Eu tinha vinte e três anos, a mesma idade que você tem agora, e não entendia nada de negócios, mas amava gastronomia. Na minha ignorância, achava que bastaria. Estava muito enganado. Você tem muito mais conhecimento de negócios do que eu na sua idade. Vai longe.

Era sempre assim. Os dois juntos, para cima e para baixo, e meu pai enaltecendo todos os atributos de Gael. Era irritante!

Eu me ressentia que meu pai, sempre frio e circunspecto comigo, tivesse tanto tempo e carinho para um estranho.

— Ele viajou com meu pai — respondi a Laila, me desvencilhando e pegando um drinques quando o garçom passou. — Estou de saco cheio daquele babaca aqui na minha casa!

Laila riu.

— Eu acho Gael um gato.

— Ele é um idiota, acredite. Cadê a Karine?

— Está pegando o Fred no vestiário da piscina.

Eu sorri.

— Ela se deu bem!

— E você, está de olho em alguém? Já está na hora de superar o idiota do Pedro.

Antes que eu pudesse responder que nem pensava mais no meu último namorado, que terminou comigo ao entrar na faculdade, três meses antes, arregalei os olhos ao ver, como num pesadelo, Gael se aproximando com o rosto furioso.

— Que diabos está acontecendo aqui? — ele questionou.

— Eu que pergunto: que merda você está fazendo aqui?

— Seu pai não te proibiu de dar festas nesta casa?

— Ah, isso não é problema seu! E você não deveria estar no Rio puxando o saco do meu pai ou algo assim?

— Nós voltamos mais cedo. E, para sua sorte, ele foi no Mondiano da Lagoa antes de vir pra cá. — O restaurante ficava na Lagoa da

Conceição, um dos lugares mais badalados da cidade.

Empalideci, caindo na real. Era hoje que eu ia morrer.

— Ai, meu Deus, ele vai me matar! — Cheguei a cambalear de medo.

Meu pai ia ficar irado se chegasse ali e visse toda aquela gente. Eu ainda me lembrava de sua raiva quando desobedeci às suas ordens e dei a última festa. Fiquei de castigo, sem poder sair de casa a não ser para ir à escola e com meu cartão de crédito cortado.

Mas o pior não foi isso: papai mal olhava na minha cara por todo esse tempo, decepcionado. E eu não podia suportar isso. Depois que mamãe se foi, ele era tudo o que eu tinha. Mesmo parecendo que ele não se importava comigo a maior parte do tempo.

— Isso tem que acabar agora — Gael falou, incisivo.

— Como? Não posso simplesmente mandar todo mundo embora!

— É exatamente o que você vai fazer. — Ele pegou o celular. — Comece desligando a música.

— Não posso! — Deus, era um pesadelo!

— Escuta, posso te ajudar a acabar com isso, ou posso deixar que seu pai descubra o que anda fazendo nas suas costas. Você decide.

Eu me questionei apenas por um instante. Ficar queimada com a galera era melhor do que aguentar a frieza do meu pai.

— Tudo bem. — Me afastei e pedi à Laila, quase chorando, que me ajudasse.

Ela ficou consternada, mas sabia que era o melhor a fazer, porque também se prejudicaria se meu cartão de crédito fosse cortado de novo. Afinal, praticamente todo seu guarda-roupa foi comprado com o meu dinheiro.

Laila foi até o DJ e pediu que fizesse o comunicado de que a festa tinha sido interrompida. Houve um burburinho de reclamação. Em seguida, vi alguns homens vestidos de preto entrando na festa e ajudando a enxotar todo mundo.

— Limpem tudo! E tirem essas lâmpadas agora! — Gael dava ordens.

De onde tinha surgido aquela gente? Eu fiquei apenas observando tudo sendo desfeito, toda a decoração cara e suntuosa que tinha sido

feita pela melhor empresa de eventos da região sendo desmontada. Via as pessoas confusas deixando o jardim e ficava me perguntando o que iriam dizer de mim.

Eu estava acabada. E era tudo culpa de Gael. Ele não percebia que estava destruindo minha vida?

Em uma hora, a casa estava como sempre foi. A noite caíra, calma e silenciosa, e era como se nunca tivesse havido uma única pessoa ali.

Desolada, fui para meu quarto. Troquei de roupa, tirei a maquiagem e desci, deixando o olhar descansar na piscina, com vontade de chorar.

— Pronto. — Gael se aproximou, digitando algo no celular, antes de me encarar. — Seu pai deve chegar logo.

Ele parou na minha frente, no alto de toda sua presunção.

— Um “obrigada” seria muito bom agora.

— Há. — Eu ri, sem o menor humor. — Obrigada por acabar com a minha festa? Enxotar meus amigos e destruir minha vida social?

Ele levantou a sobrancelha.

— Sério?

— Sério! — Quase cuspi as palavras.

— Você é inacreditável. Eu salvei seu pescoço.

— Não pedi para me ajudar! — gritei com uma petulância que, no fundo, sabia ser exagerada. Eu estava frustrada e tinha que descontar em alguém.

— Mas ajudei.

— Por quê? — Era realmente uma boa pergunta. Achava que ele me odiava também, mas hoje ele tinha me ajudado, me protegido.

Antes que conseguisse responder, o barulho do carro de meu pai estacionando nos distraiu. Gael dirigiu até a sala e eu fui atrás, e chegamos juntos no momento em que meu pai entrava.

— Olá, Ana, tudo certo por aqui?

Troquei um olhar com Gael, como se ele ainda pudesse me delatar. De alguma maneira eu ainda achava que era bem possível, mesmo com todo o trabalho que ele teve para me ajudar e me livrar dos resquícios da festa.

— Tudo tranquilo. — Gael respondeu no meu lugar.

— Que ótimo. Vou subir e tomar um banho. Gael, podemos conversar depois, no meu escritório?

— Claro.

Eu fiz uma careta de asco. Ele chegou de viagem e já queria se trancar no escritório com o seu queridinho. E nem me deu atenção.

Fui para o meu quarto pisando duro e passei as horas seguintes me desculpando com as inúmeras mensagens indignadas que chegaram no meu celular. O que era para ter sido uma noite perfeita havia descambado para um completo pesadelo. “Mas poderia ter sido um pesadelo maior se seu pai tivesse flagrado a festa”, minha consciência lembrou.

Sim, era verdade. Gael me deu uma escolha. E eu preferi não decepcionar meu pai. Mas de que adiantava? Ele não estava nem aí para mim.

Senti aquela velha dor oprimindo meu peito e me impedindo de respirar. Quando era criança e me sentia assim, achava que ia morrer. Quase desejava morrer.

Então fiz o que sempre praticava desde aquela época: caminhei até a piscina vestindo a minha camiseta de dormir e pulei. Deixei a água me puxar para baixo, ouvindo os sons do mundo exterior desaparecendo aos poucos. Eu estava segura ali. E, mesmo quando meu corpo começou a lutar por ar, minha mente apreciou a doce sensação de vazio. A ausência total de sentimento.

Subitamente, algo me tirou do meu enlevo. Garras de aço me puxaram para cima e eu tossi quando encontrei o ar.

Demorou alguns instantes para eu entender que Gael me puxava para fora da água, deitava meu corpo no jardim e colava sua boca molhada à minha, puxando água dos meus pulmões.

Tossi, engasgada de dor e indignação, encontrando força na minha raiva para empurrá-lo.

— Que inferno você estava fazendo?! — ele gritou comigo cheio de fúria.

Abri os olhos, me sentando e cruzando os braços sobre o peito, encarando-o com a mesma raiva.

— Que inferno *você* está fazendo?

— Está de brincadeira? Acabei de impedir que você se afogasse!

— Eu não estava me afogando! — refutei indignada, notando agora que não havia apenas fúria em sua expressão.

Havia também preocupação e medo. Por mim?

Essa percepção escorregou sem pedir licença para algum lugar dentro de mim, e se escondeu ali, junto a todas as coisas que eu não queria encarar.

— Você estava se afogando e nem percebeu! — disse ele de repente, com uma súbita suavidade. Os olhos em mim, inquiridores, como se quisessem saber o que se passava dentro da minha cabeça. Do meu coração.

Eu queria dizer que dentro de mim tinha muito pouco. E este pouco, ele estava me roubando. Mas apenas o encarei com ressentimento.

— Eu não pedi para ser salva!

— Suas palavras são bem diferentes das suas atitudes.

Sem dizer mais nada, ele se levantou e foi embora, me deixando sozinha e tremendo à beira d'água.

Quando ele estava bem longe, levei os dedos à minha boca. Ainda tinha gosto de Gael. O gosto de seus lábios, que permaneceram nos meus durante anos.

No terceiro dia, eu o vi próximo ao mar. Rui, era esse o seu nome.

Devia ter uns trinta anos. Os cabelos eram de um loiro claro que contrastava com os óculos de grau de aro escuro. Da janela de onde o observo, seu semblante parece concentrado em pensamentos indesejáveis enquanto caminha pela areia.

Me recordo da discussão. Por que brigavam? Eu tentei não pensar neles desde ontem, quando Gael fora me buscar, mas não saíam da minha cabeça. Por que estavam ali?

E me perguntava se eles se faziam a mesma indagação sobre mim e Gael. Além disso, não compreendia o motivo da minha fixação neles.

O homem para em frente ao mar. Uma onda chega até seus pés descalços, acariciando-os. Ele coloca as mãos nos bolsos, quieto. Não parece se preocupar com o frio cortante. Talvez até goste.

— Ana? — A voz de Gael me assusta. Não me viro quando ele se aproxima, vendo o mesmo que eu. O homem em frente ao mar.

— Este é o marido dela, da Lívia — falo, sem emoção. Eu não preciso. Gael sabe o quero dizer. Em que tom eu estou realmente dizendo.

— Sim, eu sei. — É sua resposta simples. Ele pousa as mãos em meus ombros. Estão mornas.

Por um momento, ainda sinto um desconforto, como se não fosse certo ter as mãos de Gael em mim. Apenas por um momento.

De repente, Rui tira a blusa e entra no mar. Estremeço de medo, como sempre acontece quando vejo alguém fazendo esse movimento.

— Parece que mais alguém não se importa com o frio —

murmuro quando o homem desaparece de vista.

— Parece que alguém está depositando muita atenção nos visitantes.

Eu me viro, saindo de seus braços, irritada com o tom de reprovação que senti em sua voz.

— Parece que alguém está querendo dizer alguma coisa.

Ele cruza os braços sobre o peito.

— Por que foi até a casa deles?

— Qual o problema? — Assumo uma postura defensiva.

— Achei que quisesse distância. Não é por isso que estamos aqui?

— Você sabe por que estamos aqui. — Não consigo sustentar a voz.

— Por quê? — insiste.

Não gosto disso. Eu tinha certeza do que estava fazendo aqui. Eu estava feliz... Não estava? Então, por que, de repente, sinto como se algo estivesse tremendamente errado?

“Você sabe o que está errado”, a voz que eu vinha tentando abafar sussurra em algum lugar do meu íntimo, e a rechaço, como sempre.

Não quero ouvi-la.

— Por que *você* está aqui? — devolvo a questão.

— Eu estou aqui por você.

A resposta simples e direta me faz engolir em seco. É uma confusão de sentimentos embaralha meus já confusos pensamentos. E não foi sempre assim tratando-se de Gael?

Me viro de novo para a janela, para fugir de seu olhar. Aquele que busca algo em mim que não sei se posso dar.

O homem, Rui, está saindo da água. Ele é um cara bonito.

— Ele é um cara bonito — repito meus pensamentos em voz alta.

De repente, Rui nos surpreende olhando em direção à nossa casa. Dou um passo para trás, como se ele pudesse me ver espionando. Da mesma maneira que eu o espionara ontem. Mas ele apenas dá meia-volta e se afasta. Imagino, em direção à própria casa. Respiro aliviada.

— Não sabia que gostava de nerds — Gael diz, abrindo o armário e pegando leite.

— Você não sabe do que eu gosto.

— Acho que eu tive uma boa amostra. — Ele continua se movendo pela cozinha, acendendo o fogo.

Tenho vontade de continuar provocando, mas sei onde aquela conversa vai terminar e não quero ir por aquele caminho. E tenho certeza que Gael tampouco.

— Estou com fome. — mudo de assunto.

— Quando terminar aqui, faço algo para você comer.

— Eu posso cozinhar, não é? — Essa é outra provocação e ele sabe disso.

— Eu tentei te ensinar, mas você não aprendeu nada.

Reviro os olhos em resposta. Ele tem razão.

— É incrível que, pertencendo a uma família que tem a gastronomia no sangue, você ainda não leve jeito.

— Talvez eu apenas não queira levar.

Ele me fita por alguns instantes, antes de se concentrar no que está fazendo. Pego um copo e despejo o leite gelado para enganar a fome.

— Lívia é chef de cozinha.

Levanto o olhar, surpresa.

— Como você sabe disso?

Ele dá de ombros.

— Ela me disse — responde.

— Quando?

— Ontem à tarde, quando fui nadar. Encontrei com ela na praia.

— E por que não me contou?

— Você não perguntou.

— Parece que alguém está feliz fazendo novas amizades. — Não consigo evitar minha irritação. Não quero que Gael confraternize com Lívia.

— Talvez não seja tão ruim termos companhia.

— Ruim é um eufemismo — rebato com a voz trêmula, que deixa entrever meu medo.

Ele para o que está fazendo e se aproxima, ficando de frente para mim.

— Até quando ficaremos aqui, isolados, como se o mundo não existisse lá fora?

*image
not
available*

— Ah, amiga, te adoro!

Laila morava só com a mãe, que tinha uma boutique em um shopping, mas os negócios não andavam bem. Claro que eu não ia deixar minha amiga sem dinheiro, sendo que eu tinha sobrando.

Desliguei o telefone e comecei a fazer a transferência quando Gael saiu do escritório. Me endireitei no sofá em que estava largada vestindo short e camiseta. Ele lançou um olhar curioso em minha direção.

— Não vai sair?

— Não é da sua conta. — Eu ainda não fazia a menor questão de ser simpática com ele. E como desculpa, dizia a mim mesma que ele também não se esforçava para ser comigo.

— Não tem um encontro com... Como é mesmo o nome dele? Rodrigo?

Arregalei os olhos. Como ele sabia disso?

— Como sabe o nome do meu namorado? — Ok, era um tremendo exagero chamar um cara que eu tinha ficado algumas vezes de namorado. Mas Gael não precisava saber disso.

— Era segredo? — Ele sorriu, indo para a cozinha. Fui atrás.

— Claro que não.

— Então, é sério?

— Por que está interessado em saber? Cuida da sua vida! — resmunguei indo para o escritório do meu pai.

Ele estava ocupado, olhando várias planilhas na mesa.

— Oi, pai.

— Oi. — Não levantou o olhar.

— Está com fome? Podíamos sair para jantar. Faz tempo que você não me leva no Mondiano.

— Você nunca se interessa em ir lá.

— Hoje estou com vontade.

— Não, Gael está fazendo um lanche para nós.

Eu fiz uma careta.

— Então, vou falar para ele que eu mesma faço. Não quero que parem o trabalho.

Corri de volta para a cozinha e flagrei Gael espiando meu celular.

*image
not
available*

Acho que era a primeira vez que me aproximava dele sem ter vontade de estrangulá-lo.

Gael quebrou dois ovos em um prato.

— Não tem segredo, é questão de colocar os ingredientes certos. E na quantidade certa, claro. Esta é uma omelete francesa. — Ele acrescentou o creme de leite à mistura, junto com cebolinha. — Tem que prestar atenção no fogo. O fogo diz tudo.

— Sim, chef! — brinquei, e ele riu.

Também acho que foi a primeira vez que ele riu assim, sem parecer estar debochando de mim. Era uma risada rouca, masculina. Entrou em meu ouvido e foi direto para meu ventre, mexendo em algo dentro de mim que eu não estava preparada para sentir.

— E para que fique suculenta e macia existem alguns truques. A frigideira não pode estar nem muito quente nem muito fria.

— Sim, o fogo. Acho que peguei.

Ele jogou a mistura na frigideira.

— Nunca utilize um *fouet*, porque quebra a estrutura dos ovos. — Apanhou um garfo. — Agora, o truque. Com o garfo, misture a omelete enquanto gira a frigideira com a outra mão, no sentido contrário.

— Ah... — Parecia tão simples.

— Quando começar a cozinhar e formar uma película, incline a frigideira, solte e empurre as bordas, juntando as duas partes. — Gael ia falando e fazendo. Deu uns tapinhas no cabo da frigideira e virou tudo em um

prato. — Agora coloque um pano de prato em cima e aperte.

— Sério?

Ele riu.

— Esta é a maneira certa de fazer.

Fiz conforme ele me instruiu. Terminando, ele passou uma camada de manteiga e me entregou o prato.

— Experimente.

Eu provei e gemi de prazer.

— Hum, é realmente bom!

— Agora pode fazer você mesma.

*image
not
available*

* * *

Meia hora depois, o carro de Gael estacionou em frente ao bar. Meu sorriso morreu no rosto ao ver que uma moça morena estava sentada ao seu lado.

— Ei, vai entrar ou pretende ficar aí a noite inteira? — Gael indagou, impaciente.

Respirei fundo e entrei, sentando no banco de trás.

— Não sabia que tinha companhia — disse entredentes.

— Ana, essa é Carol. Carol, Ana é filha do meu patrão.

Ah, claro. Era só isso que eu era mesmo, a filha do patrão. Algo pesado como chumbo caiu no meu estômago.

— Oi, como vai? A noite não foi boa? — A moça sorriu, condescendente.

— Bem, parece que igual a sua, já que seu namorado teve que parar para rebocar a filha do patrão.

Ela riu. Gael continuou sério, com o olhar preso na estrada.

— Ela é legal, Gael. — Carol tocou o ombro dele. — Você disse que ela era infantil, mas parece bem gente boa.

Como é? Gael falava sobre mim com a namorada? Me chamava de infantil? E eu achando que enfim podíamos ser... o quê? Amigos? Ter pelo menos uma relação madura?

“Ou você estava imaginando outra coisa?”, uma voz sussurrou dentro de mim.

Nunca me senti tão idiota em toda minha vida!

Quando o carro parou em frente à minha casa, saltei, sem me despedir, agradecer ou olhar para trás. Gael era um cretino e eu não queria absolutamente nada dele. Nada.

*image
not
available*

— Eu sei. Volte quando quiser.

Depois que entro no carro e dou partida, deixando-a para trás, tenho a impressão de ter ouvido ela dizer: “Eu sei que você vai voltar. Porque eu sei o que você fez”.

Copyrighted Image

— Por que não pode me deixar ir? — gritei, exasperada.

Meu pai me encarou com aquele olhar impaciente, aquele que dizia com muita clareza que não tinha tempo para minha vida, para minhas escolhas.

— Você não vai estudar em São Paulo. E fim de papo! — Ele bateu na mesa do escritório, voltando a se sentar e mexer em seus preciosos papéis.

Eu tinha vontade de rasgar um por um. Estava de saco cheio daquele amor descabido por seus restaurantes, quando não sobrava nada para mim, a não ser recriminações.

Nada do que eu fazia parecia agradá-lo. Vivia insistindo que fosse para uma faculdade, estudar e seguir uma carreira. E agora, agora que eu tinha passado na maior universidade do país, ele dizia que não me deixaria ir?

— Não era exatamente isso que você queria? Que eu estudasse?

— Existem ótimas faculdade aqui em Florianópolis.

— A USP é a melhor universidade do Brasil. Você devia ficar feliz!

— Não quero você longe da minha vista por quatro anos.

— Ah, sério? Você não me tem sob sua vista nem quando estou aqui, aposto que não vai fazer nenhuma diferença! Só se preocupa com seu trabalho!

— Trabalho este que paga suas contas e dos seus amigos parasitas. Então eu me irritei de verdade. Porque sabia bem de quem era

*image
not
available*

diretamente.

— Meu Deus, de onde você tirou isso? — Dessa vez eu ri, mas suas palavras estavam causando um furor em meu íntimo. Algo como repulsa e empolgação ao mesmo tempo.

Karine riu, sacudindo a cabeça.

— Ok, foi piegas. Acho que já estou bêbada. Mas agora que você está indo embora e não vai rolar nada mesmo, será que ele aceitaria sair comigo?

— Claro que não! — Não consegui imaginar Karine e Gael. Sem contar o quão terrível seria Gael saindo com uma das minhas amigas.

— Por que não?

— Não é muito nova para ele?

— Tenho vinte! E ele tem o quê? Vinte e cinco ou vinte e seis? Mas tem razão. Ele é todo certinho, embora seja lindo. Acho que não temos nada a ver. Bem, já vou indo.

— Já? — A festa estava rolando desde o meio-dia, mas ainda eram três da tarde.

— Laila me convidou para conhecer o apê do namorado dela. Disse que vai me apresentar um amigo dele. Acho que vou me dar bem!

Ela se afastou e eu olhei em volta, me sentindo deslocada em minha própria festa. Eu conhecia todo mundo ali, mas sentia que ninguém era meu amigo de verdade.

Achei que Laila viesse, mas onde ela estava agora? Fazíamos tudo juntas há anos, as pessoas até diziam que éramos como irmãs, de tão parecidas. Me sentia triste por não sermos mais tão próximas. No fim, ela tinha me deixado como todo mundo me deixava.

De repente, Gael está do meu lado.

— Ei, que cara é essa?

Ele tinha tirado os óculos de sol. Reparei que estava mais bronzeado do que o normal, e que seu cabelo escuro tinha umas mexas mais claras, como se tivesse ficado muito tempo exposto ao sol.

— Acho que aproveitou o Rio, hein?

— Eu estava trabalhando.

*image
not
available*

natural quando Gael fez o mesmo, suas mãos se embaralhando nos fios, nas minhas mãos.

— Quase me afoguei quando criança. Estava com minha tia Norma e ela insistiu que eu entrasse na água. Foi horrível. Tenho muito medo. — Ficamos em silêncio por algum tempo depois de minha confissão.

— Eu gosto de pensar de frente para o oceano. — Gael disse, finalmente.

— Por quê?

— Porque quando olho a imensidão, meus problemas parecem pequenos.

Eu sorri. Era uma boa lógica.

Silêncio novamente. Fechei os olhos, aproveitando a brisa que tocava meu rosto. O barulho do mar no meu ouvido, me sentindo pequena. Sorri com aquele pensamento.

— Seu sorriso é mais brilhante que o sol.

Abri os olhos e encarei Gael. Ele me olhava como nunca tinha olhado antes.

“Ele sempre olhou assim para você. Você é que nunca percebeu. Ou não quis perceber.” O pensamento sussurrado de algum lugar escondido no meu íntimo me assustou mais do que as traiçoeiras ondas do mar.

Desviei o olhar, meus cabelos revoltos cobrindo meu rosto ruborizado. O barulho das ondas disfarçava as batidas ensurdecadoras do meu próprio coração. Gael não podia escutá-las, mas eu podia.

— Vamos entrar. — Ele se levantou de repente e eu o encarei com incredulidade.

— Nem pensar. Não ouviu o que eu falei?

— Eu nunca deixaria você se afogar, Ana — ele disse, sério. Como uma promessa. — Eu nunca deixaria nada te machucar.

Perdi o ar.

Quando me afastei, não era mais pelo medo do mar. E sim daquele sentimento inesperado que começava a tomar conta de mim.

— Quero ir embora.

*image
not
available*

chuva, a caminho da cozinha. Mas Gael segura meu braço, me obrigando a virar.

— Tem noção do quanto me deixou preocupado? — Sua voz é um sibilo baixo e angustiado.

Sinto suas palavras em meu peito. Dói.

— Me desculpe — murmuro.

— Por que saiu?

— Você tinha razão. Não posso ficar presa para sempre aqui.

Ele me solta. Seu olhar muda, parece incrédulo. Procura nos meus olhos se estou dizendo a verdade.

— O que quer dizer? — indaga, devagar.

Dou de ombros, sem saber o que responder. Ele não insiste.

— Então foi ao mercado? — Gael cruza os braços, me interrogando enquanto pego um copo de água.

— Eu vi a Sara.

— Sara?

— Você sabe muito bem de quem estou falando. — Fico impaciente. Não sei por que ele está fingindo que não lembra da mulher da barraca de bijuteria.

— Não gosto dela — continuo.

Não é inteiramente verdade.

— Por que não?

Ele sabe o porquê, só quer que eu diga em voz alta. Então, mudo de assunto:

— Eu vi Rui e Lívia também.

Dessa vez, Gael parece mais atento.

— Falou com eles?

— Eles estavam brigando.

— Brigando?

— Eu ouvi apenas fragmentos. Estava entrando no carro e eles saindo. Parecia bem sério.

— E você está curiosa.

— Não! — refuto, mas sei que posso realmente estar um pouco.

Esse tipo de sentimento é esquisito para mim. Há meses não me interessa em nada que vá além do meu próprio mundo. Me dar conta